Configurações, vol. 11, 2013, pp. 225-230

João Areosa, *O lado obscuro dos acidentes de trabalho: um estudo de caso no setor ferroviário,* Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2012

Fernando Bessa Ribeiro*

O livro de João Areosa aborda um tópico que tem suscitado o interesse crescente das ciências sociais, em especial da sociologia e da antropologia: o dos riscos e acidentes laborais. Fazendo parte do campo dos estudos sociais sobre o risco – Ulrick Beck é uma das figuras de proa, cujo *The Risk Society* (Londres, Sage, 1992) é hoje já um clássico; em Portugal, Paulo Granjo é uma das referências, com o seu estudo sobre a refinaria de Sines (*"Trabalhamos sobre um barril de pólvora": homens e perigo na refinaria de Sines*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2004) –, trata-se de um trabalho que interessará, seguindo de perto o que escreve João Freire no prefácio a propósito da "encruzilhada de saberes" (pp. 7-8) que sustenta o corpo teórico do livro, também a psicólogos, médicos, engenheiros e gestores. E, não menos importante, a todos os que vivem do seu trabalho, sobretudo quando ele é cumprido em contextos laborais em que os riscos, incluindo o de morte, estão presentes. Ou seja, como implicitamente foi reconhecido pela própria Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao conceder a João Areosa uma bolsa de doutoramento em empresa, estamos perante um assunto da maior relevância social, para cuja compreensão e intervenção as ciências sociais, em especial a sociologia, dão um contributo relevante.

Conquanto no livro não se identifique a empresa onde decorreu a investigação – nem a ela se dedique um capítulo de apresentação e análise do seu perfil e trajeto histórico –, estamos face a um estudo de caso realizado numa entidade pública empresarial do transporte ferroviário, onde o autor trabalha – facto que coloca óbvias implicações éticas e metodológicas a discutir mais adiante – e na qual o uso da eletricidade como fonte de energia para a

* Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho (febssa@utad.pt).

configurações 11 novo.indb 225 10-01-2014 11:25:04

circulação dos veículos se faz de forma exclusiva e intensiva, daqui decorrendo problemas, perigos e acidentes analisados com o detalhe e a profundidade que só a observação etnográfica, praticada nesta investigação com manifesta competência, permite alcançar. Tratou-se de uma investigação demorada, realizada entre outubro de 2005 e novembro de 2009, envolvendo centenas de trabalhadores de diferentes sectores da empresa, na qual o autor se confrontou com a curiosidade destes, expressa mormente em interpelações quase "inquisitórias": "O que é que está a escrever aí? Para que servem esses apontamentos escritos?" (p. 62).

O livro está organizado em três partes: (*i*) discussão teórica; (*ii*) apresentação e justificação do método; (*iii*) quotidianos de trabalho, riscos e acidentes. Concretizando, na primeira parte o autor analisa teoricamente o acidente, mobilizando para isso sobretudo as perspetivas sociológicas, sublinhando a importância da ciência para a explicação do acidente; na segunda parte do livro, escrutina com rigor e detalhe as escolhas metodológicas e o modo como as aplicou; na última parte procede a uma descrição minuciosa do quotidiano e dos discursos dos atores sociais observados, abordando tópicos como os dados da sinistralidade na empresa, a sua distribuição pelas diversas categorias profissionais, a perceção dos riscos, as normas e procedimentos, as tarefas e organização do trabalho, bem como as relações sociais nos espaços laborais, os comportamentos e atitudes, a formação, a informação e a prevenção.

Fazendo um exercício arqueológico do modo como a sociedade e os indivíduos foram olhando para o acidente, João Areosa evidencia a rutura com explicações sobrenaturais, nomeadamente de ordem religiosa, em favor de explicações "naturais e/ou de interações humanas", ocorridas com a modernidade, e, mais recentemente, com a importância do fenómeno enquanto construção social (pp. 12-13). Privilegiando uma explicação pluricausal do acidente, considera ser impossível evitá-los de forma absoluta. Dizer isto não permite concluir que todas as causas têm igual peso e importância no acidente, pelo contrário. Como escreve na conclusão, "apesar da multiplicausalidade dos acidentes, é quase sempre possível identificar uma causa 'principal' [,…] o evento que permitiu 'gatilhar' a ocorrência do acidente" (p. 193). O leitor fica, assim, advertido do quadro conceptual em que João Areosa operou ao longo do seu trabalho, refletindo-se de modo assaz significativo nas posições que vai assumindo no livro, designadamente no que se refere às propostas de prevenção que discute já na parte final (pp. 184-188). O autor dá preferência a estratégias teóricas e de intervenção que privilegiem a integração do risco em vez da sua completa erradicação. Os riscos (e os acidentes) a que os trabalhadores estão sujeitos e de que são vítimas têm se ser compreendidos considerando a dimensão técnica, nomeadamente a que se prende com o desenvolvimento da eletricidade. Não fazendo estes riscos parte, segundo a formulação de Beck, na obra acima mencionada, dos perigos globais que

podem levar à destruição coletiva da humanidade, a discussão pode ser iluminada pelas suas propostas, atendendo à importância da sua prevenção, minimização e distribuição e aos problemas que colocam (médicos, psicológicos, sociais e económicos).

Como foi já referido, João Areosa elegeu o método etnográfico, no quadro de uma abordagem metodológica plural. O principal instrumento de inquirição e recolha de informação foi a observação participante, complementada com a análise documental e as entrevistas. Prudente, o autor considera que "não se pode afirmar que existam metodologias melhores do que outras" (p. 59), sendo meu entender que a opção escolhida foi a mais adequada. Tal implicou aprofundar um envolvimento com os atores sociais da empresa, muitos deles conhecidos; logo não se confrontou com a estranheza do contexto e o desconhecimento absoluto das pessoas, sem que tal o eximisse de romper barreiras, ultrapassar desconfianças, sempre presentes e aqui ainda mais fortes, atendendo à posição que o autor ocupa na estrutura organizacional da empresa. Este envolvimento com o contexto observado e seus atores revela uma escolha por parte de João Areosa, que implicou a secundarização de outras abordagens, nomeadamente as que se prendem com o clássico inquérito por questionário. Ainda bem que o fez, pois a compreensão do social exige que se vá para o terreno, quer dizer, para os lugares onde trabalham, habitam, lutam, amam, sofrem e sonham os seres humanos. Também praticante do método etnográfico, quer no campo dos estudos sobre prostituição, quer em outros terrenos mais distantes (Fernando Bessa Ribeiro, *Entre martelos e lâminas: dinâmicas globais, políticas de produção e fábricas de caju em Moçambique*, 2010), prontamente reconheci e exalto a sua importância para a compreensão das motivações, estratégias e práticas dos atores sociais observados.

Obviamente, e para desespero dos guardiães da "pureza disciplinar", este envolvimento do ator socialinvestigadorautor com os atores sociais observados contamina a visão "pura" da produção de ciência, fundada na neutralidade e na objetividade, aliás reconhecida pelo autor (p. 61). Daqui decorre a recusa do positivismo na produção de conhecimento – severamente criticado por Bourdieu ["Comprendre", *in* Pierre Bourdieu (sous la direction de), *La Misère du monde*. Paris, Seuil, 1999: 1388-1447] –, pois a ciência social é produzida por homens e mulheres que trabalham e, não raro, vivem nos mesmos contextos sociais dos observados, implicando que, como nos lembra Clifford Geertz, "a maior parte da pesquisa em ciências sociais envolve contactos directos, íntimos e mais ou menos perturbadores com os detalhes imediatos da vida contemporânea, contatos de um tipo que dificilmente pode deixar de afetar a sensibilidade das pessoas que o realizam" (*Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2001: 31). Como defendi em outros contextos e em publicação recente [Fernando Bessa Ribeiro, "Ciências sociais, autor e participação no espaço público: Retomando a proposta de Bourdieu por um

saber comprometido", *in* Pedro Gabriel Silva, Octávio Sacramento e José F. G. Portela (coordenadores), *Etnografia e Intervenção Social: por uma praxis reflexiva*. Lisboa, Colibri:229-243, 2011], a ciência social neutra é tão impossível como saltar sobre a própria sombra, segundo a feliz imagem proposta por Donald Donham (*History, Power, Ideology: Central issues in marxism and anthropology.* Berkeley, University of California Press, 1999). Por outras palavras, não existe ciência despida de valores e cientistas sociais rigorosamente descomprometidos com a sociedade.

Esta opção metodológica, trabalhosa, desgastante, não raro perigosa, permite ao leitor um olhar por dentro, ao mesmo tempo denso e circunstanciado do contexto social escrutinado. Tal revela o "poder" da etnografia, em particular no que respeita ao escrutínio das emoções, dos medos, das práticas e de outros aspetos do quotidiano laboral que normalmente escapam à pesquisa social dita objetiva. Conhecedor e praticante experiente deste método, cujos resultados foram vertidos pelo autor para as páginas do livro com especial cuidado e pertinência, esta estratégia metodológica facilitou uma aproximação àquilo que Pierre Bourdieu ("Comprendre" *in La Misère du monde*, 1993: 13881447), na esteira de Max Weber [*Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*, 1993 (1922)] nos propõe: "l'oubli de soi", isto é, proceder ao deslocamento do nosso olhar de forma a colocarmo-nos, em pensamento, no lugar dos outros observados. Mais, João Areosa não é indiferente ao contexto observado e às pessoas que nele trabalham. Nem podia ser, desde logo porque é um membro da organização, passando nela uma parte bem substancial da sua vida. Com os observados partilha um interesse comum sobre o destino e o sucesso da empresa, ainda que os pontos de vista e os compromissos não sejam sempre coincidentes. Assim, ao longo do livro, no quadro de um esforço denso de compreensão da vida quotidiana observada, mostra-se um observador comprometido, tomando partido, ora criticando as chefias intermédias, ora a administração da empresa – assumindo aqui um certo risco decorrente do facto de vivermos numa democracia que acaba, invariavelmente, na porta das empresas –, ora criticando os dirigentes sindicais. Retomando o acima aflorado, e não ignorando as justas observações, por vezes quase denúncias de João Areosa, a sua posição de técnico na empresa não terá deixado de o condicionar. Só atendendo a este fator se pode compreender as razões pelas quais os gestores de topo não foram inquiridos, tanto mais que muito do que ocorre na empresa, nomeadamente no domínio da segurança dos trabalhadores, é consequência de decisões por eles tomadas, todas elas fundadas em critérios económicos. São exemplos: (*i*) "o novo tipo de cabo (sem isolamento) […] colocado em todas as carruagens motoras porque, além de mais barato, tem um 'período de vida' mais longo" (p. 100); (*ii*) o "espigão", dispositivo que conecta o fornecimento de energia ao veículo na zona oficinal, reconhecido como muito perigoso para a segurança dos trabalhadores mas que a administração se recusa a alterar por

ser "tecnicamente difícil e economicamente dispendioso" (p. 119); pressão para manter a "todo o custo" os comboios a circular, afetando "a segurança dos trabalhadores que têm de resolver o problema ou problemas que estiveram na origem da suspensão da circulação" (p. 127), culminando com o facto de "o serviço de segurança no trabalho acaba[r] por ser uma valência pouco considerada pelas restantes áreas da empresa" (p. 191), por os relatórios por ele elaborados não terem carácter vinculativo.

Tudo isto ocorre num contexto marcado pelo "elevado número de dias de trabalho (intervalado com poucas folgas), o prolongamento sucessivo de turnos e a redução do número de horas de descanso" (p. 123) e legitimado por uma cultura de trabalho onde o "brio profissional", isto é, não perder a face no sentido goffmaniano, está presente e é implicitamente valorizado pela hierarquia em sede de avaliação de desempenho (pp. 127 ss). Note-se que a exposição aos riscos (e acidentes deles decorrentes) só não é pior devido à existência de um movimento sindical forte que não hesita em confrontar e exigir à administração alterações de procedimentos em trabalhos perigosos. Foi o caso da limpeza dos carris sem suspensão da circulação de veículos e o desligamento da corrente elétrica (p. 129). Enfim, em Lisboa, em Dhaka ou em qualquer outro lugar do mundo, a situação é sempre a mesma: lesões e morte de trabalhadores, trocados pela busca incessante da redução dos custos de funcionamento e da rentabilidade do negócio. Por outras palavras, estamos perante situações severas de captação de *substance vivante* do trabalhador (Claude Meillassoux, *L'Économie de la vie*. Lausanne, 1997: 2, 13ss) por via da diminuição da saúde devido a doenças profissionais, violação da integridade física sob a forma de acidentes de trabalho e redução da esperança de vida, tanto mais grave quando estamos perante uma empresa pública.

Em suma, este livro proporciona ao leitor uma análise compreensiva do quotidiano dos trabalhadores de um metropolitano, marcado por tensões, pressões, lutas e muitos perigos que permite discutir, interpelar e criticar o modo como, no nosso país, numa empresa pública com uma forte e sofisticada intensidade tecnológica e submetida a um quadro legal minucioso e promotor das melhores e mais elevadas condições de segurança e higiene no trabalho, todos os dias a vida dos trabalhadores é colocada em risco, ora por ação de uma cultura organizacional ainda pouco sensível, ora pela valorização dos resultados, isto é, operação da rede sem perturbação ao menor custo, mesmo que daqui decorram severos prejuízos para os que trabalham nos diferentes sectores. Cumprindo com os objetivos propostos, este é um livro que vai muito para além das fronteiras da academia e dos seus profissionais que trabalham sobre este campo social, antes interessando a todos os cidadãos, sobretudo àqueles que, inquietos com o sofrimento que atinge os trabalhadores em muitos contextos laborais, procuram respostas que possam contribuir para uma maior justiça e felicidade no campo do trabalho. Trata-se, pois, de um livro

incontornável para se identificar e compreender as formas de lesão, sofrimento e até morte que atingem os trabalhadores na sociedade portuguesa contemporânea. E que fazem parte, é bom não esquecer, da velha e nunca terminada luta que opõe o capital ao trabalho, e patrões e gestores aos trabalhadores, cuja expressão assume, como é evidente neste livro, formas lesivas e até criminosas do corpo e da vida dos trabalhadores.

configurações 11 novo.indb 230 10-01-2014 11:25:04